

Índice

Primeira Parte	9
Segunda Parte	123
Terceira Parte	185

I

Grande e terrível ano foi aquele ano de 1918 do nascimento de Jesus Cristo, o segundo ano depois do início da revolução. Foi abundante de sol no Verão e de neve no Inverno, e duas estrelas estavam especialmente altas no céu: a estrela boeira, Vénus vespertina, e o vermelho e trémulo Marte.

Mas os dias voam como uma flecha nos anos pacíficos e nos anos sangrentos, e os jovens Turbin não notaram como, com um fortíssimo gelo, começou o branco e aveludado mês de Dezembro. Oh, nosso Pai Natal luzente de neve e de felicidade! Mamã, rainha luminosa, onde estás tu?

Passado um ano desde que a filha Elena se casou com o capitão Serguei Ivánovitch Talberg, e na semana em que o filho mais velho, Aleksei Vassílievitch Turbin, depois de duras campanhas, trabalhos e adversidades, voltou para a Ucrânia, para a Cidade, para o ninho familiar, o caixão branco com o corpo da mãe foi levado, pela íngreme encosta Alekseiévskaja, até ao Podol¹, para a pequena igreja de São Nicolau.

Quando sepultaram a mãe, estava-se no mês de Maio; as cerejeiras e as acácias tapavam as janelas ogivais. O padre Aleksandr, perdido de tristeza e consternação, faiscava e espumava junto às luzes douradas, e o diácono, de rosto e pescoço lilases, todo dourado até às biqueiras das botas que rangiam, proferia tristemente as palavras da encomendação da mamã, que deixava os seus filhos.

Aleksei, Elena, Talberg e Aniuta, que crescera em casa dos Turbin, e Nikolka², aturdido pela morte, com um topete de cabelos caído

para a sobancelha direita, estavam aos pés da estátua castanha do velho arcebispo Nikolai. Os olhos azuis de Nikolka, plantados dos lados do longo nariz de passarinho, olhavam de modo confuso, mortificado. De vez em quando erguia-os para a iconóstase, para a abóbada do altar mergulhada no escuro, onde se erguia o misterioso velho deus a tremeluzir. Porquê aquele agravo? Aquela injustiça? Para quê tirar a mãe, quando a situação começava a aliviar?

Voando para o escuro, Deus, que fendia o céu, não dava resposta, e o próprio Nikolka ainda não sabia que tudo aquilo que acontece é sempre assim, como é necessário, e sempre pelo melhor.

Assistiram à missa, saíram para as ressonantes lajes do adro e acompanharam a mãe por toda a imensa cidade até ao cemitério, onde desde há muito já jazia o pai sob uma cruz negra de mármore. E enterraram a mãe...

*

Muitos anos antes da morte dela, na casa n.º 13 da encosta Alekseiévskaja, o fogão revestido de azulejos da sala de jantar aqueceu e ajudou a criar a pequena Elenka, e Aleksei, o mais velho, e o pequerrucho Nikolka. Muitas vezes, amodorrados ao calor em cima do fogão, ouviam ler *O Carpinteiro do Saardam*³; de vez em quando, o relógio de bronze tocava uma gavota, e no fim de Dezembro cheirava sempre a caruma, e a parafina das velas multicores cintilava entre os ramos verdes. Em resposta ao relógio de bronze, com a sua gavota, no quarto que era o da mãe, e que agora é de Elenka, tocava o relógio negro de parede da sala de jantar com o som do relógio da torre. Tinham sido comprados há muito pelo pai, no tempo em que as mulheres usavam umas mangas ridículas, empoladas junto aos ombros. Essas mangas desapareceram, o tempo passou como uma centelha, o pai professor morreu, todos cresceram, e os relógios continuavam os mesmos e batiam as horas como o relógio da torre. Estavam todos tão habituados a ele que, se de algum modo ele desaparecesse da parede por um qualquer prodígio, seria uma tristeza, como se tivesse morrido uma voz querida e não houvesse com que a substituir. Mas os relógios, felizmente, eram completamente imortais, assim como era imortal o

Carpinteiro de Saardam, e o fogão holandês revestido a azulejos, como um rochedo de sabedoria vivificante e quente mesmo nos mais duros tempos.

Pois aqueles azulejos, e os móveis forrados a velho veludo vermelho, e o leito com pequenas bossas luzidias, os tapetes surrados, multicores e carmesins, de Aleksei Mikhailovitch com um falcão na mão, de Luís XIV na margem de um lago sedoso no jardim do paraíso, tapetes turcos com ornatos estranhos do campo oriental, que causavam pesadelos ao pequeno Nikolka, a delirar de febre com a escarlatina, o candeeiro de bronze com o quebra-luz, as melhores estantes do mundo com livros, que cheiravam a um misterioso chocolate velho, com Natacha Rostova⁴, com a *Filha do Capitão*⁵, as chávenas douradas, as pratas, os retratos — todas as sete salas poeirentas e cheias, os jovens Turbin já crescidos, tudo isso a mãe deixara nos maus tempos para os filhos e, já fraca e arquejante, agarrando-se à mão da chorosa Elena, disse:

— Vivei... em harmonia.

*

Mas viver como? Viver como?

Aleksei Vassílievitch Turbin, o mais velho, jovem médico — tinha vinte e oito anos. Elena, vinte e quatro. O marido dela, o capitão Talberg, trinta e um, e Nikolka, dezassete anos e meio. A vida deles foi destroçada precisamente ao alvorecer. Há muito já que tinha começado a varrer do Norte, e varreu, varreu, sem parar, e quanto mais tempo passava, pior. O mais velho dos Turbin regressou à cidade natal depois do primeiro golpe, que sacudiu as colinas sobre o Dniepre. Bem, pensaram, vai parar e começa aquela vida acerca da qual se escreve nos livros amaneirados; mas ela não só não começa, como se torna por toda a parte cada vez mais horrível. Do Norte sopra e torna a soprar a tempestade, estrondeia surdamente debaixo dos pés, rosna, inquieto, o ventre da terra. O ano de 1918 corre para o fim e de dia para dia parece mais ameaçador e mais erizado.

*

Caem as paredes, o falcão assustado voa da luva branca, apaga-se a luz do candeeiro de bronze, e *A Filha do Capitão* é queimada no forno. A mãe disse aos filhos:

— Vivei.

Mas eles terão de sofrer e morrer.

Certa vez, ao crepúsculo, pouco tempo depois do enterro da mãe, Aleksei Turbin foi ter com o padre Aleksandr e disse-lhe:

— Estamos numa grande tristeza, padre Aleksandr. É difícil esquecer a mamã, e depois estes tempos tão difíceis. O principal é que acabei de regressar, pensei que íamos endireitar a vida, e afinal...

Calou-se e, sentado ao pé da mesa, ao crepúsculo, ficou a pensar e a olhar para longe. Os ramos no pátio da igreja tapavam até a casinha do sacerdote. Parecia que logo a seguir à parede do estreito gabinete, atulhado de livros, começava o bosque primaveril, misteriosamente emaranhado. A cidade soava de modo abafado ao anoi-tecer, cheirava a lilases.

— O que se há-de fazer, o que se há-de fazer? — murmurou confusamente o sacerdote. (Ficava sempre perturbado, se tinha de conversar com as pessoas.) — É a vontade divina.

— Pode ser que tudo isto acabe, alguma vez? E que de futuro seja melhor? — perguntou Turbin, não se sabe a quem.

O sacerdote agitou-se no cadeirão.

— São uns tempos difíceis, difíceis, sem dúvida — murmurou ele —, mas não devemos desanimar...

Depois pousou a mão branca, libertando-a da manga escura da sotaina, sobre uma pilha de livros e abriu o primeiro, no ponto que estava assinalado como lido, por um marcador bordado.

— Não devemos permitir o desânimo — disse ele de modo confuso, mas como que muito convicto. — O desânimo é um grande pecado... Embora eu ache que ainda haverá provações. Sem dúvida, sem dúvida, grandes provações — falava cada vez com maior convicção. — Sabe que eu, nos últimos tempos, tenho-me dedicado aos livros, livros da especialidade, é claro, principalmente de teologia...

Ergueu o livro de modo a que a última luz da janela incidisse na página, e leu:

— «O terceiro anjo despejou a sua taça no rio e nas águas dos mananciais; e a água tornou-se sangue.»

II

Estava-se, pois, no branco e aveludado mês de Dezembro, que se aproximava já impetuosamente de meados. Já nas ruas nevadas se sentiam os reflexos do Natal. O ano de 1918 estava quase a chegar ao fim. Por cima da casa n.º 13, de magnífica construção (na rua, o apartamento dos Turbin era no primeiro andar, e o pequeno pátio acolhedor, em declive, no rés-do-chão), no jardim, junto à íngreme colina, todos os ramos das árvores ficaram espalmados e se enrolaram. A colina está coberta de branco, estão cobertos os barracões do quintal, e tornou-se um gigantesco pão-de-açúcar. A casa ficou coberta por um gorro de general branco, e no piso inferior (na rua, num rés-do-chão, no pátio, debaixo da varanda dos Turbin, numa cave) acenderam-se as fracas luzes amarelas do burguês antipático Vassíli Ivánovitch Lissóvitch, engenheiro e cobarde, e no piso de cima acenderam-se, fortes e alegres, as janelas dos Turbin.

Ao anoitecer, Aleksei e Nikolka foram aos barracões buscar lenha.

— Eh, eh, a lenha é pouca como o diabo. Olha, hoje voltaram a roubar.

A lanterna eléctrica de Nikolka lançou um cone azulado em que se via que a orla da parede estava claramente descascada e abatida de fora.

— Era dar-lhes um tiro, a esses demónios! Palavra. Sabes que mais? Vamos ficar aqui esta noite de guarda. Eu sei que são os sapatéis do número onze. E que patifes! Eles têm mais lenha do que nós.

— Ora, eles... Vamos. Agarra.

A fechadura ferrugenta rangeu, o estuque caiu sobre os irmãos, arrastaram a lenha. Perto das nove horas da noite já não era possível tocar nos azulejos de Saardam.

O excelente fogão tinha na sua superfície ofuscante os seguintes registos históricos e desenhos, feitos em diferentes tempos do ano de 1918 pela mão de Nikolka, a tinta-da-china e cheios do mais profundo sentido e significado:

Se te disserem que os aliados se apressam a vir ajudar-nos, não acredites. Os aliados são uns canalhas.